

APRESENTAÇÃO

O texto aqui apresentado é a transcrição da palestra proferida pelo professor Cipriano Carlos Luckesi, no evento Grandes Educadores, realizado em 08 de junho de 2015. O Projeto da Faculdade Projeção, Grandes Educadores, visa homenagear pessoas que deram contribuições significativas para repensar da educação no Brasil. Teve início em 2013, quando foram selecionados diversos nomes de possíveis autores a serem homenageados. Esta lista foi submetida a professores, coordenadores e alunos dos cursos de licenciaturas das Faculdades Projeção para que os mesmos votassem quais seriam os mais significativos em sua vida estudantil. No ano de 2014, dois grandes educadores foram homenageados: Rubem Alves e José Carlos Libâneo. Foi uma festa muito bonita que contou com a presença de Libâneo e a filha (Raquel) de Rubem Alves que o representou, pois o mesmo encontrava-se doente e não pode comparecer. Em 2015, tivemos a ilustre presença do professor Cipriano Carlos Luckesi e o mesmo nos presenteou com esta fala que segue. Mais uma vez tivemos a certeza de que o Grupo Projeção está no caminho certo quando valoriza os educadores que fizeram a diferença para nosso país. O texto que apresentamos foi transcrito pelo professor Eder Alonso castro, Diretor da Escola de Formação de Professores e revisado pelo próprio Luckesi que nos atendeu prontamente quando solicitamos a autorização para publicá-lo em nosso Periódico Científico Projeção e Docência.

O SER HUMANO É EDUCÁVEL: PRECISA DE CUIDADOS

Cipriano Carlos Luckesi

Agradeço a homenagem que estou recebendo no dia de hoje, assim como agradeço à Faculdade Projeção e a todos aqueles que sugeriram meu nome para a presente homenagem. Ouvindo o relato da forma como foi realizada, nesta instituição, a escolha dos profissionais a serem homenageados, incluindo gestores, professores e estudantes desta Faculdade, manifesto meus agradecimentos a todos, à medida que indicaram meu nome para receber essa homenagem.

Sei que muitos de vocês já mantiveram um contato com alguma coisa que escrevi; mas, certamente, parecia ser um autor distante e invisível. Agora, estou aqui junto de vocês, recebendo essa bela homenagem. Para um acréscimo às histórias sobre os processos psicológicos envolvidos no contato entre um leitor e um autor, através de seus textos e seus livros, relato uma experiência que vivi nesse contexto há alguns anos.

Estava em Chapecó, cidade do Estado de Santa Catarina, por ocasião de uma conferência, então, uma pessoa, que esteve na plateia, procurou-me e disse-me ter vindo para o evento devido ao fato de que tinha lido um texto de um autor chamado Cipriano Luckesi e tinha gostado muito e, acrescentou que, usualmente, “quando se lê um texto e se gosta muito dele, geralmente o autor já morreu”.

E, complementando seu pensamento, disse: “No caso, quando tive notícias de que o nome do autor do texto, que havia lido e gostado, estava aqui, para fazer uma conferência, não tive dúvidas, vim para constatar se era o autor do escrito que havia gostado e se estava vivo de

fato, pois, para mim, era um autor que já havia morrido há tempos. Quase sempre, os autores dos textos e livros que lemos e gostamos já morreram”.

Para mim, é muito gratificante estar recebendo esta comenda, que partilho com os múltiplos educadores que cuidaram de mim, ao longo da vida, e me incentivaram a prosseguir sempre. É em função de ter sido cuidado que estou aqui no dia de hoje, recendo essa homenagem.

Quando, aqui neste auditório, foi lido meu currículo foi registrado que eu me especializei no tema da avaliação; eu acrescentaria que comecei a estudar avaliação quando eu era ainda menino, pois que fui uma criança multi-repetente, reprovado em sequência na segunda, terceira e quarta séries. Fazendo um pouco de graça, corre que meus colegas não suportavam a escola, faziam uma série por ano; como eu gostava muito dela, eu fazia uma série a cada dois anos...!

Foram acontecimentos e mais acontecimentos... se somando e se integrando, possibilitando que chegasse a ser o que sou hoje. Tive um professor, quando eu tinha aproximadamente 14 anos, que disse a mim e a outros colegas repetentes: “Se vocês forem bem ensinados, vocês aprenderão e eu vou cuidar de vocês”. O cuidado de um educador com os seus educandos, seja nos anos iniciais da escola, seja no ensino médio, no superior ou na pós-graduação faz a diferença. É o cuidado que subsidia as condições para que os educandos aprendam e se estruturam em seu processo formativo.

Quando propus o tema para minha fala nesta ocasião, eu o formulei com o seguinte título: *O ser humano é educável: precisa de cuidados*. Esse título organiza aquilo que aconteceu e tem acontecido na trajetória de minha vida; também é aquilo que posso partilhar com vocês, educadores e futuros educadores.

O ser humano é educável. Esse é o ponto de partida para minha exposição. Aproximadamente, 95% da população mundial tem uma estrutura da saúde mental e psicológica chamada saudável, devido não portar carências específicas. São pessoas que frequentam uma escola regular, com currículos regulares, certamente com variações, à medida que alguns tem QI mais alto e outros mais baixo, personalidades variadas, mas, na média, todos conseguem aprender os conteúdos necessários, estruturados nos currículos de nossas escolas, que, desde o século XVI até nossos dias, atua na forma do ensino coletivo, no seio do qual um educador cuida de muitos.

Antes do século XVI, o ensino, que ocorria nas denominadas “Oficinas de mestres e aprendizes”, era quase que individualizado. Porém, desde que se iniciou o ensino coletivo, nós temos na escola o chamado estudante médio, ou seja, aqueles que efetivamente aprendem o que é ensinado, que, afinal, somos todos nós.

Só aproximadamente 5% da população mundial é composta por portadores de necessidades especiais com os diversos tipos de síndromes neurológicas, como o down, o autista, entre outros. E, mesmo estes aprendem e se desenvolvem se forem bem cuidados, segundo as carências que portam.

Portanto, 100% da população mundial, composta por variados estruturas e modos de vida, pode e deve aprender. Adjetivar o ser humano como “educável” significa dizer que ele aprende. Nós seres humanos temos a característica fundamental de aprendentes.

Nós todos --- eu, você, todos --- somos aquilo que aprendemos. Aquilo que aprendemos do ponto de vista afetivo compõem as habilidades que utilizamos para nos relacionarmos com as pessoas, com as quais convivemos. Aquilo que aprendemos do ponto de vista cognitivo e pragmático se apresenta como o conjunto de recursos que utilizamos para exercer a vida cotidiana assim como nossas profissões. Aquilo que aprendemos no que se refere à educação urbana orienta a todos nós para convivemos diariamente com os demais; assim como outros conteúdos e modos de agir.

O que expressa aquilo que somos são as aprendizagens adquiridas e sistematizadas que nos guiam no nosso agir cotidiano. Um ser humano é médico, outro é professor, outro agricultor, outro ainda é motorista de taxi, outro arquiteto, aviador, engenheiro e outros, muitos outros mais. Vale repetir: cada um de nós se expressa no mundo a partir das suas aprendizagens, à medida que o ser humano é um ser aprendente.

Em função do que aprendi expresso, aqui hoje, quem eu sou, sendo homenageado, mas poderia ser outros educadores ou um de vocês que se encontra neste auditório, da forma como foram homenageados antes de mim, Rubem Alves e José Carlos Libâneo.

Existe uma área de conhecimentos que vem se desenvolvendo, especialmente, nos últimos 30 anos que é o campo da neurologia. Até a década de 1980, o neurologista estudava o sistema nervoso tendo como base um cadáver, um corpo morto. A partir dos anos 80, a investigação, nessa área, tendo por base o estudo por imagens, passou a ser realizada com o ser humano vivo, ativo, em funcionando. Passou a ser estudado enquanto está sentindo, se emocionando, tendo medos, percepções e reagindo à dinâmica da vida. A partir da possibilidade, que tivemos, de praticar a investigação através de imagens computadorizadas, conseguimos compreender melhor o ser humano como aprendente com base nos estudos relativos ao sistema nervoso. Hoje nós sabemos que, desde a concepção até a morte, o ser humano aprende.

Para aprendermos, precisamos de uma relação com o mundo. Aprendemos porque nos deparamos com as resistências do mundo, da vida. Tudo que está em nosso entorno e tudo aquilo que dificulta a vida faz com que iniciemos a aprender; o mundo nos confronta e exige que aprendamos a encontrar sempre novas soluções diante de cada novo impasse. Também aprendemos porque outros, que já aprenderam, nos ensinam. A mãe, o pai, a avó, o avô, o vizinho, o colega, o professor, a professora, o educador nos vários níveis de ensino. A todos eles, cabe nosso agradecimento e nossa reverência.

Recentemente, fiz uma conferência em uma cidade Minas Gerais e o professor que me acompanhou até o aeroporto, no momento do meu retorno, entre uma conversa e outra, contou-me alguns episódios de sua vida, entre os quais relatou que, para conseguir matricular-se no curso superior, necessitou assumir o papel de vendedor de bombons, até conseguir se matricular na universidade. E, acrescentou: “Foi dessa forma que eu aprendi a conviver com minhas dificuldades. E... é isso que eu quero ensinar a meus alunos”. Essa história, entre muitas outras, o fez a constituir-se como pessoa.

Como constituiu-se a si mesmo? Aprendendo com os impasses que o meio ambiente nos coloca e com os ensinamentos de outros. Foi dessa forma que a humanidade, através dos homens e das mulheres, ao longo do tempo, construiu a herança sociocultural que temos hoje. Como a humanidade, como todos individualmente nos constituímos? Resposta: “Aprendendo...”

Quando entramos para a escola, passamos a vivenciar múltiplas experiências nas relações com o novo espaço (o espaço escola), com novos colegas, com professores. Professores que castigavam, outros que eram amistosos, professores e professoras que gostamos ou que não gostamos... Temos muitas histórias para relatar a respeito de como chegamos no ponto, no qual hoje estamos. Olhando todas essas biografias, é fácil identificar como o ser humano é um ser aprendente, e, pois, um ser educável.

Ele não nasce pronto. Ninguém nasceu pronto, nós somos seres de múltiplas possibilidades. À medida que vamos nos relacionando com os espaços e seus conteúdos, como também com as pessoas, vamos aprendendo e, por isso mesmo, nos desenvolvendo e nos tornando quem somos.

Quando entramos para a escola e nos encontramos com os professores e as professoras, afinal, os educadores, tanto eles podem ser facilitadores quanto podem dificultar nossa aprendizagem. Existirão alguns que serão rígidos, porém, outros amistosos. Acredito que o ideal seria que todos fossem amistosos. E é disso que desejo falar a seguir.

À medida que o ser humano é educável e que nós somos resultados das nossas aprendizagens, vale perguntar: Como educadores e educadoras podem auxiliar educandos da pré-escola ao ensino superior para aprendam e se desenvolvam? Esse é o segundo ponto que desejo abordar nesta apresentação.

Existe um pesquisador inglês, de nome David Boadella, que era um professor de Educação física, tendo atuado desde a educação infantil até o ensino universitário, na Inglaterra. Hoje, vive na Suíça. Em seu livro *Correntes da Vida: uma introdução à Biossíntese*, afirma que: “O que cura o ser humano é a receptividade viva do outro ser humano”. Como ele é um psicoterapeuta, refere-se à cura psicológica, mas podemos ampliar este significado universalmente, afirmando que o que possibilita a aprendizagem do ser humano é a receptividade viva de um educador ou de uma educadora. Sem essa receptividade, não há educação.

É pleno quando somos efetivamente recebidos por outro ser humano, sem julgamentos, sem exigências prévias. Temos, então, “a receptividade do outro ser humano”. Seja quando estamos alegres, carentes, desequilibrados, seja quando estamos bem. É maravilhoso quando, em nossas dificuldades, temos o outro que nos diz: “Deita no meu colo. Eu lhe acolho. Neste momento estou aqui para lhe acolher”.

Após estudar as proposições feitas por Boadella em seus escritos, comecei a entender que na prática educativa, nós educadores teríamos quatro papéis fundamentais para auxiliar nossos educandos a aprenderem, no contexto da proposição: “receptividade vida de outro ser humano”. E, esses quatro papéis necessitam ser praticados como um em todos ainda que distintos; não basta praticar um ou outro deles. Importa que todos sejam praticados no ato pedagógico.

O primeiro deles é o *acolhimento dos educandos*. Sem acolhimento não há educação; aliás, sem acolhimento, não há nada de significativo nas relações interpessoais. Numa sala de aula, temos vinte, trinta ou até mais estudantes, com as mais variadas histórias de vida e personalidades; temos os tímidos, os ativos, os recolhidos, os medrosos e assim por diante. Se não tivermos esta atitude de acolher não haverá educação, desde que, na sala de aula, vamos receber educandos de todos os tipos de personalidade, independentemente do nível de ensino.

Caso não tenhamos a atitude de acolher, não haverá possibilidade de educação, desde que não estaremos garantindo aos nossos estudantes um espaço continente como ponto de partida para a relação pedagógica. Só com base nesse ponto de partida, haverá possibilidade de uma relação pedagógica saudável. O educador acolhe o educando e, por isso, sentindo-se acolhido, o educando se abre para o processo de aprender.

A única possibilidade que temos para efetivamente trabalhar com o outro é acolher. Sem nos abirmos para o acolhimento e sem o efetivo acolhimento do outro, não haverá possibilidade de relação interpessoal educativa. Para que haja aprendizagem, importa que educador e educandos se compreendem e caminham juntos; no caso, um ensinando e o outro aprendendo.

Voltando à fala de David Boadella, o primeiro passo do ato pedagógico é o acolhimento; na sua expressão, “a receptividade viva do outro ser humano”. Sem ela não há caminho.

O segundo passo do ato pedagógico de ensinar é *nutrir*. Nutrir não significa oferecer pão leite, arroz e feijão. Nutrir, no caso do ensino, significa oferecer o melhor conhecimento que nós temos, tendo em vista nutri-lo em aprendizagens e, conseqüentemente, em desenvolvimento. Seja pela fala, seja pela leitura orientada, seja pelo comentário construtivo, seja pelo que for, importa nutrir o estudante para que aprenda e, em aprendendo, se desenvolva.

O terceiro passo fundamental do ato pedagógico tem a ver com a garantia do tempo necessário para a aprendizagem --- *sustentar a aprendizagem do educando*.

Usualmente, na prática pedagógica, consideramos que não temos tempo suficiente para ensinar, mas importa ter ciência de que a aprendizagem necessita de tempo para se sedimentar. Não existe aprendizagem instantânea.

Tendo em vista sedimentar uma aprendizagem, há necessidade de tempo e será o educador a sustentar esse tempo. Não existe aprendizagem que se faça de um instante para outro. É preciso tempo e exercitação para o estudante assimile e sedimente o que lhe é ensinado.

Caso prestemos atenção nas habilidades que temos e se procurarmos verificar como conseguimos nos apropriar delas, vamos verificar que, para aprender, tivemos necessidade de exercitação... de muita exercitação. Em qualquer área de conhecimento, em qualquer área profissional, a exercitação é o meio pelo qual criamos os algoritmos neurológicos que sustentam nossas habilidades. Essa é uma dinâmica que faz parte da natureza humana.

Como dizia anteriormente, desta minha fala, da década de 1980 para cá, os estudos por imagem têm demonstrado que nosso sistema nervoso é plástico para reter a memória do que conhecemos, assim como de nossas habilidades. Tanto os conhecimentos como as habilidades são construídas pela compreensão e pela exercitação. O que demanda investimento e tempo. Nossas habilidades se sustentam em algoritmos neurológicos que foram construídos durante nossos exercícios de aprender.

Não sei quantos dos presentes neste auditório dirigem carro. No início da aprendizagem das habilidades necessárias para dirigir um automóvel, todos tivemos múltiplas dificuldades.

Para começar, a rua tem um mínimo de 12 metros de largura, o carro tem um metro e vinte, mas, quando entramos a primeira vez em carro e nos sentamos no banco do motorista, ele não cabe na largura da rua, tenha ela 12 metros ou mais.

Depois de muita insistência do instrutor iniciamos a aprender, mas emergem outras e mais outras dificuldades. Nos deparamos com três pedais (acelerador, freio e embreagem) mais três espelhos retrovisores (um no centro do automóvel, um do lado esquerdo, e, outro do lado direito); acrescenta-se que necessitamos de olhar para a frente e controlar o que vem de para trás, ao mesmo tempo; e ainda existe uma alavanca de marchas.... Muita coisa para prestar atenção e utilizar ao mesmo tempo.

Como vocês e eu aprendemos a dirigir o automóvel? Tempo e treinamento. Depois de algum tempo de investimento, compreensão e treinamento, agimos com certa tranquilidade dirigindo nosso automóvel. Foi o tempo investido em compreensão e exercitação que fez com que eu e vocês nos tornássemos bons motoristas. De modo semelhante ocorre qualquer outra aprendizagem, como, por exemplo, de matemática, geografia, história, língua nacional, língua estrangeira....

Nós somos seres aprendentes pelo movimento, pela ação. Todo ser humano aprende pela ação compreendida. E, para tal aprendizagem, demanda tempo.

Então, poderia emergir uma questão dentro de vocês todos que me ouvem neste momento: “Eu estou aqui parado, lhe ouvindo e estou aprendendo”. E, nessa circunstância, há ação? Eu respondo: enquanto vocês estão me ouvindo, estão fazendo mil relações, tais como: “isso, que ele está falando, eu li no autor tal”, “isso que ele está relatando, já fiz uma vez”, “isso, eu não fiz”, “fiz aquilo...” Esses acontecimentos significam que estamos ativos, e, por isso, aprendendo. Estamos muscularmente quietos, mas, neurologicamente, superativos.

O sistema nervoso de cada um de nós, com os seus milhares e milhares de algoritmos de aprendizagens já realizados, está andando a mil, trabalhando nos milhares que relações que podem ser realizadas em segundos.

É pela ação que aprendemos e, para tanto, precisamos de tempo para assimilação e exercitação; nossos estudantes também. O educador não pode pura e simplesmente fazer uma exposição e considerar que já ensinou e eles aprenderam. Não, não aprenderam. Dessa forma, podemos ter dado uma aula, porém não ensinamos ainda. Dar aula é expor um conteúdo; ensinar implica muito mais; implica que o educando tomou posse do conteúdo ensinado.

O ato de ensinar implica, pois, do outro lado, a aprendizagem. O ato de ensinar assemelha-se ao ato do mercador que grita: “olha a banana” “olha...”. Mas, se ninguém compra, ele não é mercador. Só será mercador no dia em que as pessoas, pela habilidade dele de vender, passarem a comprar seus produtos. Ensinar se dá da mesma forma. Só houve ensino se o outro (o ensinado) aprendeu.

Portanto, o terceiro elemento fundamental do ato pedagógico é “garantir o tempo necessário para que o educando aprenda”.

No processo de formação, cada um de nós necessita assimilar ativamente a herança sociocultural que a humanidade já criou, afim de, após apreendê-la, recriá-la, podemos oferece-la à posteridade, da mesma forma que as gerações anteriores fizeram, nos oferecendo o legado que haviam recebido.

O quarto passo do ato pedagógico é a *confrontação*. E o que é confrontar? Confrontar é poder acolher o desempenho do estudante na configuração que se encontra e, se necessário, poder reorientar a aprendizagem. Portanto confrontar não é antagonizar, não é desqualificar, não é excluir, não é castigar.

Confrontar significa sinalizar para o estudante que ele realizou uma tarefa, mas que ela pode ter melhor qualidade e, para tanto, o educador está disponível e pronto para oferecer-lhe suporte nesse novo investimento.

Todos nós, ao longo do tempo, temos aprendido, por uma herança sociocultural que o educando, para aprender, necessita ser castigado. Como não podemos mais castigar com a chibata, como ocorria no passado, castigamos com notas baixas.

Todavia, não nos damos conta de que --- se nossos estudantes obtêm notas baixas, caso a prática avaliativa tenha realizada metodologicamente de modo adequado --- isso significa que eles não aprenderam o necessário; e, se não aprenderam o necessário, importa estarmos cientes de que o ensino não foi eficiente, desde que há uma relação biunívoca entre ensinar e aprender.

Baixas notas podem revelar a ineficiência do ato de ensinar e não a impotência dos estudantes em aprender.

Esse quarto passo do ato pedagógico, que se chama confrontação, é a oportunidade que temos de verificar se o investimento que fizemos no ensino produziu o efeito desejado, a aprendizagem por parte do estudante; e se, ainda não produziu o efeito necessário, podemos e vamos tomar a decisão de investir mais e mais, tomando por base a dificuldade com a qual o estudante está se confrontando, tendo em vista dar-lhe suporte para que ultrapasse o impasse e efetivamente adquira a habilidade necessária no conteúdo com o qual estivermos trabalhando.

Para praticar os quatro papéis do ato pedagógico --- acolher, nutrir, sustentar e confrontar ---, o educador necessita *assumir o lugar de adulto da relação pedagógica*. Isso significa que ele é quem ensina e o educando aquele que aprende. Nesse contexto, o educador é o agente principal. A aprendizagem do educando dependerá do seu desempenho como educador no ato de ensinar, permanentemente e ao mesmo tempo, acolhendo, nutrindo, sustentando e confrontando.

Encerrando esta fala, nós educadores --- como adultos da relação pedagógica --- temos um papel fundamental no processo de gerar a inclusão social, ensinando de forma metodologicamente adequada, incluindo efetivamente nossos estudantes no seio daquilo que ensinamos.

Em síntese, de acordo com o título que eu propus --- O ser Humano é educável: precisa de cuidados --- para que ele aprenda e se desenvolva, portanto, se eduque, os cuidados são: acolher, nutrir, sustentar, confrontar. Ações do educador, que possibilitam a aprendizagem e, conseqüentemente, o desenvolvimento do educando e sua inclusão constante na vida social.

O testemunho que desejo registrar, neste momento que recebo esta homenagem da Faculdade Projeção, é que a educação é possível e ela depende de nossas habilidades em educar e do nosso investimento na sua conquista.

Agradeço esta comenda a toda equipe da Faculdade Projeção e a todos vocês que estão me ouvindo e estão desejando, sonhando que possamos realizar uma educação cada vez mais saudável, cada vez mais rica e cada vez mais inclusiva. Muito obrigado.